

Uma análise ontológica sobre a Relação de Identidade entre Produção, Distribuição, Troca e Consumo

José Pereira de Sousa Sobrinho¹

Paula Emanuela Lima de Farias²

A apreensão de Marx a respeito da natureza humana leva-o à seguinte conclusão: o homem é um ser da natureza, contudo a sua natureza é essencialmente social, assim, a produção individual ou isolada é sempre uma produção em sociedade – de onde o autor conclui que as apreensões do ser em seu suposto isolamento tão comum à filosofia de Rousseau não passam de uma apreensão da aparência do real, pois o homem mesmo isolado efetiva seu isolamento em sociedade.

Dessa conclusão, podemos afirmar que a produção humana é sempre uma produção em sociedade através da qual em conjunto os homens buscam meios para atender às suas necessidades coletivas. Desse movimento, estabelecem-se os diversos modelos históricos de organização da vida, desde as comunidades primitivas até a ordem burguesa, onde são originadas determinadas estruturas de reprodução social. Estrutura que pressupõe quatro fundamentos: produção, distribuição, troca e consumo, que constituem uma unidade socialmente articulada, que em conjunto dão forma ao processo de reprodução social.

A análise marxiana do processo de reprodução social segue o percurso metodológico na qual a exposição inicia-se com os diversos conceitos apreendidos do real apresentados em suas determinações gerais abstratas. Nesse primeiro momento da análise do processo de reprodução social os quatro fundamentos são expostos em seu conteúdo geral. Quando Marx afirma que

Na produção, membros da sociedade adaptam (produzem, dão forma) os produtos da natureza em conformidade com as necessidades humanas; a distribuição determina a proporção em que o indivíduo participa na repartição desses produtos; a troca obtém-lhe os produtos particulares em que o indivíduo quer converter a quota-parte que lhe é reservada pela distribuição; no consumo, finalmente, os produtos tornam-se objetos de prazer, de apropriação individual. A produção cria os objetos que correspondem às necessidades; a distribuição reparte-os segundo leis sociais; a troca reparte de novo o que já tinha sido

¹ Doutorando em Educação Brasileira (UFC).

² Mestranda em Educação Brasileira (UFC).

repartido, mas segundo as necessidades individuais; no consumo, enfim, o produto evade-se desse movimento social, torna-se diretamente objeto e servidor da necessidade individual, que satisfaz pela fruição. A produção surge assim como o ponto de partida, o consumo como o ponto de chegada, a distribuição e a troca como o meio termo que, por seu lado, tem um duplo caráter, sendo a distribuição o momento que tem por origem a sociedade e a troca o momento que tem por origem o indivíduo.³

Mas a formulação expressa por Marx na citação acima apenas expõe o conteúdo superficial da relação de unidade entre os quatro fundamentos, trata-se do momento da aparência. A continuidade do método dialético de investigação efetiva-se na necessidade de isolar o fenômeno e estudar as suas diversas determinações abstratas. O que é efetivado na investigação da relação de unidade estabelecida entre os quatro fundamentos, unidades determinantes menores, que estão constituídas entre, produção e consumo, produção e distribuição, produção e troca. O método marxiano efetiva-se na análise das múltiplas determinações que compõe o conteúdo interno da coisa.

A primeira determinação sobre a qual Marx se debruça é a relação de unidade entre produção e consumo. Sua análise se inicia sobre o fundamento mais singular e mais superficial da unidade entre consumo e produção, qual seja, o consumo na produção – o que é realizado sobre o duplo caráter do consumo. O caráter subjetivo presente “no indivíduo que desenvolve as suas faculdades ao produzir, igualmente as despende, as consome no ato da produção, [...] é um consumo de forças vitais”⁴. O segundo momento é o consumo objetivo dos meios de produção empregados que se desgastam e se dissolvem, e objetivam um novo objeto.

O conteúdo exposto por Marx delinea a unidade entre elementos objetivos e subjetivos, que efetivam uma síntese no processo de autoconstituição do novo indivíduo que surge na esfera da produção, pois “na produção o indivíduo objetiva-se e no indivíduo subjetiva-se o objeto”⁵. O novo ser social, com novas capacidades objetivadas tem as suas capacidades adquiridas, também consumidas no ato da produção.

Marx compreende os avanços apresentados pelas investigações dos economistas clássicos, reconhece exatidão de suas formulações quando apresentam a relação de

³ MARX, Karl. **Contribuição à Crítica da Economia Política**. Tradução Maria Helena Barreiro Alves, 2º ed. São Paulo: Martins Fontes, 1983, p. 207.

⁴ MARX, Karl. **Contribuição à Crítica da Economia Política**. Op. Cit., p. 208.

⁵ Idem, *Ibidem*, p. 207.

unidade entre produção e consumo. Contudo, o conteúdo dessa unidade expressa pelos economistas clássicos expõe apenas a sua aparência, ao resumirem suas análises a relação de unidade entre produção e consumo em seu caráter imediato. A análise marxiana denuncia os limites das formulações da economia clássica burguesa onde a apreensão da “unidade imediata, em que a produção coincide com o consumo e o consumo com a produção, deixa subsistir a dualidade intrínseca entre ambas”⁶.

A análise marxiana avança sobre as formulações dos economistas burgueses ao expor que a unidade entre produção e consumo não contém apenas uma unidade imediata. A unidade imediata é supra-sumida nesse momento da análise, pois no movimento da aparência para a essência a unidade entre produção e consumo adquire uma nova qualidade, ao desvendar que essa unidade geral, não se efetiva somente de forma imediata, mas também através de relações intermediadas, já que

a produção é imediatamente consumo, o consumo imediatamente produção. Cada um é imediatamente o seu contrário. Mas opera-se simultaneamente um movimento intermediário entre os dois termos. A produção é a intermediária do consumo, a quem fornece os elementos materiais e que, sem ela, não teria qualquer objetivo. Por seu lado, o consumo é também o intermediário a produção, dando aos produtos o motivo que os justifica como produtos. Só no consumo o produto conhece a sua realização última. [...]. Sem produção não há consumo; mas sem consumo também não haveria produção, porque neste caso a produção não teria qualquer objetivo.⁷

O método marxiano permite um salto qualitativo em relação à economia clássica. Já que a relação de unidade intermediada pressupõe relações multilaterais de determinação, que desvenda que o consumo produz a produção, assim como a produção produz o consumo. No desenvolvimento da análise do real, Marx acaba por demonstrar que o consumo produz duplamente a produção:

1º, Somente pelo consumo o produto se torna realmente produto. [...] Apenas o consumo, ao absorver o produto, lhe dá o retoque final [...]; porque produção não se desencadeou enquanto a atividade objetivada, mas como mero objeto para o sujeito ativo [o consumo produz a produção]. 2º, O consumo cria a necessidade de uma nova produção, por conseguinte a razão prévia. O consumo cria o móbil da produção; cria também o objeto que, atuando sobre a produção, lhe determina a finalidade. Se é evidente que a produção oferece, na sua forma material, o objeto do consumo, não menos evidente que o consumo supõe idealmente o objeto da produção, na forma de imagem interior, de

⁶ Idem, *Ibidem*, p. 209.

⁷ Idem, *Ibidem*, p. 209.

necessidade, de móbil, e fim. Cria os objetos da produção sob uma forma ainda subjetiva. Sem necessidade não há produção. Ora, o consumo reproduz a necessidade.⁸

Da análise de Marx podemos compreender que a relação entre produção e consumo é intermediada pela necessidade. Mas a análise dialética também apresenta a própria necessidade como histórica. O que permite compreender que da necessidade atendida pelo consumo surge a possibilidade de uma nova necessidade. Assim, o consumo produz uma nova necessidade e produz a produção ainda no campo do ideal determinando a existência ideal do produto para uma nova necessidade, portanto, do consumo surge a atividade teleológica que é produção subjetiva do produto. Ou seja, no consumo está a origem da nova objetivação, o que significa que o consumo cria a produção.

As relações de múltiplas determinações entre os fenômenos expostas pelo método dialético estão expressas quando do duplo caráter de determinação do consumo sobre a produção resulta uma relação de tripla determinação da produção sobre o consumo.

1º, A produção fornece ao consumo a sua matéria, o seu objeto. Um consumo sem objeto não é consumo; nesse sentido, portanto, a produção cria, produz o consumo. 2º, Mas não unicamente o objeto que a produção dá ao consumo [...]. Tal como o consumo dá o retoque final a produção, a produção dá-o ao consumo. [...] Por conseguinte, a produção determina não só o objeto do consumo, mas também o modo de consumo, e não só de forma objetiva, mas também subjetiva. Logo, a produção cria o consumidor. 3º, A produção não se limita a fornecer um objeto material à necessidade, fornece ainda uma necessidade ao objeto material.⁹

A densidade da análise marxiana é exposta na medida em que o autor alemão apreende a relação dialética estabelecida na determinação subjetiva do consumo pela produção, já que a produção oferece ao consumo um produto enquanto objeto subjetivado, que atende a uma necessidade específica. Esse objeto humanizado, que é determinado, determina o seu modo de consumo. Para Marx, como explica Leontiev¹⁰, o produto é um objeto social no qual está incorporado e fixado um conjunto de operações com conteúdo sócio-histórico. A utilização do objeto pressupõe uma determinada ação prática em seu consumo. Contudo, essa ação prática é efetivada no ato da produção, no conjunto de conteúdos que são exteriorizados no objeto pelo homem. Assim, a produção

⁸ Idem, *Ibidem*, p. 209 -210.

⁹ Idem, *Ibidem*, p. 210.

¹⁰ LEONTIEV, Alexis. **O Desenvolvimento do Psiquismo**. São Paulo: Editora Moraes, s/d.

objetiva produz a maneira exata de atender a uma necessidade, trata-se da produção do consumo de maneira subjetiva.

Sobre a relação entre produção e consumo conclui Marx: “a produção não cria somente um objeto para o sujeito, mas também um sujeito para o objeto [...]. De igual modo o consumo engendra a vocação do produtor, solicitando-lhe a finalidade da produção sob a forma de uma necessidade determinante”¹¹. No desenvolvimento da investigação, Marx compreende a relação de identidade entre produção e consumo na medida em que “cada um não é apenas imediatamente o outro, nem apenas intermediário do outro: cada um, ao realizar-se, cria o outro; cria-se sob a forma do outro”¹².

A relação de identidade entre produção e consumo, concretiza-se na medida em que produtor e consumidor objetivam-se na medida em que personifica-se o objeto. A relação de identidade está no indivíduo quando consumo e produção possui em si o conteúdo que oferece forma ao ser social, expressa, portanto, o seu processo de hominização. A relação de identidade entre consumo e produção concretiza-se no ser e, portanto, contém em si um conteúdo ontológico ao determinar a existência do ser social enquanto indivíduo produtor-consumidor. Marx confirma a nossa análise ao afirmar que a produção

não é somente o ato último pelo qual o produto se torna realmente produto, mas o ato pelo qual o produtor se torna também verdadeiramente produtor. Por outro lado, a produção motiva o consumo ao criar o modo determinado do consumo, e originando em seguida o apetite do consumo, a faculdade de consumo sob a forma de necessidade.¹³

A unidade entre consumo e produção, engendra a individualidade humana, essa surge como resultado de uma relação de totalidade entre os fundamentos do processo de reprodução. O que nos permite compreender o consumo como meio de objetivação do ser, no qual a capacidade exteriorizada do ser durante a produção retorna ao ser e o determina enquanto indivíduo. O consumo é o momento de fruição das diversas capacidades humanas, um dos momentos de desenvolvimento da subjetividade. A produção também é um momento de fruição do ser, na qual as suas capacidades de produtor são desenvolvidas e através do produto são compartilhadas socialmente. Assim,

¹¹ MARX, Karl. **Contribuição à Crítica da Economia Política**. Op. Cit., p. 210.

¹² Idem, *Ibidem*, p. 211.

¹³ Idem, *Ibidem*, p. 211.

a relação de identidade entre produção e consumo tem sua síntese na constituição do ser social, no seu processo de reprodução enquanto membro de uma sociabilidade – o que permite a Marx concluir que produção e consumo são dois momentos de um mesmo processo.

Mas ao expor o caráter de unidade entre produção e consumo como dois momentos de um mesmo processo, Marx compreende que “na sociedade a relação entre produtor e o produto [...] é uma relação exterior, e o retorno do produto ao sujeito depende das relações deste com os outros indivíduos”¹⁴. Portanto, produção e consumo como atos efetivados em sociedade não são dois momentos de um processo individual, mas são dois momentos de um processo coletivo o que pressupõe relações sociais por intermédio das quais a produção se completa no consumo. Assim, Marx define que o produtor

Não se torna imediatamente proprietário. Tanto mais que a imediata apropriação do produto não é o objetivo do produtor ao produzir em sociedade. Entre o produtor e os produtos interpõe-se a distribuição, que obedecendo a leis sociais determina a parte que lhe pertence na totalidade dos produtos, colocando-se assim entre a produção e o consumo.¹⁵

A unidade entre produção e consumo – enquanto fenômenos objetivados em momento distintos por diferentes indivíduos na sociedade – é efetivada ao encontrar na distribuição uma mediação necessária. Marx, ao apresentar o fenômeno da distribuição como uma categoria social, submetida às leis sociais sobre as quais estão submetidos também os momentos da produção e do consumo, dá-nos a indicação para compreendermos que a distribuição não é um fenômeno autônomo a produção. Mas é justamente determinado pela produção, já que o modo como os indivíduos organizam a produção carrega em si o modo de distribuição da riqueza social. Desta afirmação deduzimos uma lei social que expressa a unidade entre produção e distribuição. Marx expressa a validade desta lei quando afirma

indivíduo que participe da produção por meio do trabalho assalariado, participa na repartição dos produtos, resultados da produção, através do salário. A estrutura da distribuição é inteiramente determinada pela estrutura da produção. A própria distribuição é um produto da produção, não só no que diz respeito ao objeto, apenas podendo ser distribuído o resultado da produção, mas também no que diz respeito à

¹⁴ Idem, *Ibidem*, p. 212.

¹⁵ Idem, *Ibidem*, p. 212.

forma, determinando o modo preciso de participação na produção as formas particulares da distribuição, isto é, determinando de que forma o produtor participará da produção.¹⁶

A unidade entre produção e distribuição não se resume à relação de determinação da produção sobre a distribuição, já que a distribuição também exerce sobre a produção uma relação de determinação. O conteúdo desse segundo está presente quando refletimos sobre os demais momentos da distribuição, pois essa antes de ser distribuição

dos produtos, ela é: 1º, distribuição dos instrumentos de produção e, 2º, distribuição dos membros da sociedade pelos diferentes gêneros de produção, o que é uma outra determinação da relação anterior. (Subordinação dos indivíduos a relações de produções determinadas.) A distribuição dos produtos é manifestamente o resultado desta distribuição que, incluída no próprio processo de produção, lhe determina a estrutura.¹⁷

Assim, a distribuição dos meios de produção e dos indivíduos no processo de produção – divisão social do trabalho – efetiva uma estrutura de distribuição que acaba por determinar toda a produção e a divisão social do trabalho, o que acaba por determinar o indivíduo. Portanto, a distribuição determina não só a produção, mas determina o produtor, ou seja, determina o ser social, pois se originalmente “o indivíduo não tem capital nem propriedade fundiária. Logo ao nascer é reduzido ao trabalho assalariado pela distribuição social”¹⁸.

A unidade entre produção e distribuição expressa a sua síntese no processo de constituição do ser social, ao determinar a existência do ser social enquanto membro de uma coletividade, o que significa que a individualidade é sempre expressão singular de uma universalidade, pois a constituição do ser é um processo ontológico no qual estão expressos os diversos determinantes sociais que constituem uma síntese no indivíduo.

Contudo, a determinação do indivíduo é concretizada no processo de distribuição e produção, onde as diferentes parcelas do produto social destinada aos indivíduos na distribuição, determinada pelas funções exercidas pelos distintos sujeitos sociais no interior da produção, os constituem como diversos e desiguais entre si.

Portanto, a síntese dialética entre produção e distribuição constitui o todo social como uma coletividade partida, uma síntese da particularidade no interior da

¹⁶ Idem, *Ibidem*, p. 213.

¹⁷ Idem, *Ibidem*, p. 214.

¹⁸ Idem, *Ibidem*, p. 213-214.

universalidade, que é a constituição ontológica das classes sociais. A classe social, portanto, configura-se como um coletivo particular que se estabelece enquanto classe social ao ter, enquanto determinante para sua reprodução coletiva nexos causais similares postos pelo modo de distribuição dos meios de produção, e a consequente distribuição dos indivíduos no processo de produção.

A continuidade da exposição marxiana denuncia que o processo de distribuição da riqueza é concretizado quando o produto chega ao indivíduo, o que apenas se efetiva através da mediação da relação de troca, já que a troca surge como a continuação do processo de divisão da riqueza, mas a partir das necessidades individuais. Assim sendo, a “distribuição determina a proporção (a quantidade) de produtos que cabem ao indivíduo; a troca determina os produtos que cada indivíduo reclama como parte que lhe foi designada pela distribuição”¹⁹. Assim como, a “própria circulação é apenas um momento determinado da troca, ou a troca considerada em sua totalidade”²⁰. Dessa forma, a troca é o segundo momento do processo de distribuição, momento de repartição individual da riqueza coletiva, que por sua vez também determina a existência das classes sociais.

Portanto, produção e distribuição são mediadas pelas relações de troca. Chegamos, assim, a necessidade de expor o momento último da relação geral de reprodução, a relação entre produção e troca. Marx expõe essa relação ao afirmar que na medida em que

a troca não é mais do que um fator servindo de intermediário entre a produção e a distribuição que ela determina tal como o consumo, na medida, por outro lado, em que este último surge como um dos fatores da produção – a troca constitui manifestamente um momento da produção.²¹

Portanto, Marx expressa a relação de unidade entre troca e produção, na medida em que a primeira é expressão da necessidade do ser social, e determina diretamente a produção ao apresentar a alternativa do que produzir. O filósofo alemão continua sua exposição sobre a relação de determinação entre produção e troca ao apresentar sua relação de determinação em três momentos:

Em primeiro lugar; é evidente que a troca de atividades e de capacidade que tem lugar na própria produção, [...]. Em segundo lugar, isto é

¹⁹ Idem, *Ibidem*, p. 207.

²⁰ Idem, *Ibidem*, p. 214.

²¹ Idem, *Ibidem*, p. 216.

verdade para a troca de produtos, na medida em que esta troca é o instrumento que fornece o produto acabado, destinado ao consumo imediato. Nesse sentido, a própria troca é um ato incluído na produção. Em terceiro lugar, a troca [...] entre negociantes [...] é, pela sua organização, inteiramente determinada pela produção, ao mesmo tempo que atividade produtiva.²²

Desses momentos Marx deduz leis gerais constituídas socialmente que dão forma e conteúdo às relações sociais da troca em geral: “1º, não há troca sem divisão do trabalho [...]; 2º, a troca privada supõe a produção privada; 3º, a intensidade da troca, tal como a sua extensão e o seu modo, são determinadas pelo desenvolvimento e pela estrutura da produção”²³.

Portanto, um modo de produção evoluído produz um sistema de circulação coerente com as capacidades produtivas. Assim como a produção privada constitui a troca privada o que em conjunto com o modelo de divisão de trabalho historicamente constituído dá forma a um modelo de reprodução, onde diferentes as classes sociais exercem posições distintas e antagônicas no processo de produção, acabam por ocupar também posições desiguais na relação de circulação da produção, o que significa a apropriação desigual dos bens produzidos.

Do exposto podemos concluir que, no seio desse processo de reprodução histórica, encontramos os nexos causais que constituem as classes sociais como uma determinação coletiva do ser social, como uma construção do ser social em sua existência individual e coletiva que se efetiva nas determinações constituídas na unidade orgânica expressa nos fundamentos do processo de reprodução social. Marx, sobre essa relação de unidade entre os quatro fatores expressa:

Não chegamos à conclusão de que a produção, a distribuição, a troca e o consumo são idênticos, mas que são antes elementos de uma totalidade, diferenciações no interior de uma unidade. A produção ultrapassa também o seu próprio quadro de determinação antitética de si mesma, tal como os outros momentos. É a partir dela que o processo recomeça sem cessar. É evidente que a troca e o consumo não podem prevalecer sobre ela. O mesmo acontece com a distribuição enquanto distribuição dos produtos. Mas, enquanto distribuição dos agentes de produção a distribuição é um momento da produção. Uma produção determinada determina portanto um consumo, uma distribuição, uma troca determinados, regulando igualmente as relações recíprocas determinadas desses diferentes momentos. A bem dizer a produção, na

²² Idem, *Ibidem*, p. 217.

²³ Idem, *Ibidem*, p. 217.

sua forma exclusiva é também, por seu lado, determinada pelos outros fatores. Quando o mercado, ou seja, a esfera da troca, por exemplo, se desenvolve, cresce o volume da produção, operando-se nela uma divisão mais profunda. Uma transformação da distribuição provoca uma transformação da produção; é o caso da concentração do capital, da repartição diferente da população entre a cidade e o campo, etc. Finalmente, as necessidades inerentes ao consumo determinam a produção. Há reciprocidade de ação entre os diferentes momentos. O que acontece com qualquer totalidade orgânica.²⁴

Portanto, os quatro fatores compõem uma unidade insuperável, de unidade na diferença, onde o conteúdo de cada fator é distinto dos demais, mas o seu conteúdo apenas pode ser apreendido em sua essência em sua relação de totalidade com os demais fatores. A unidade se constitui no próprio movimento dialético estabelecido entre os quatro elementos, no qual a produção é ao mesmo tempo síntese e nova tese, já que o constante movimento em espiral que perpassa os diferentes momentos – produção, distribuição, troca, consumo, produção – sempre dá origem a um novo movimento. Assim, o movimento dialético constitui uma totalidade orgânica a exteriorizar leis próprias que regem o movimento da totalidade social – que constituem o ser social enquanto consumidor e produtor em uma apreensão do fenômeno, que adquire na sociedade capitalista, um conteúdo particular ao formar o ser social em sua existência fragmentada em classes sociais com conteúdo historicamente determinado.

Referências Bibliográficas

LEONTIEV, Alexis. **O Desenvolvimento do Psiquismo**. São Paulo: Editora Moraes, s/d.

MARX, Karl. **Contribuição à Crítica da Economia Política**. Tradução Maria Helena Barreiro Alves, 2º ed. São Paulo: Martins Fontes, 1983.

²⁴ Idem, *Ibidem*, p. 217.